

VADIA, NÃO!

SETE VEZES QUE FUI TRAÍDA PELO FEMINISMO



SARA WINTER

“Vadia, Não! - Sete vezes que fui traída pelo feminismo”

Autora: Sara Winter

Edição: Eric Valentim

Ilustração: Bia Spring

1ª Edição - 08/12/2015 - FICM

Sumário

Capítulo I
A primeira feminista que conheci P. 10

Capítulo II
Sexo, drogas e rock'n roll P. 16

Capítulo III
Mulheres também estupram, sabiam?P. 24

Capítulo IV
Quem tem medo de feminista?P. 30

Capítulo V
É muita hipocrisia, mona!P. 34

Capítulo VI
O dia em que me transformaram em AméliaP. 40

Capítulo VII
Sobrevivi para contarP. 44

Por muito tempo pensei que não existiam homens que fossem bons. Os via com medo, ódio e repulsa. Reflexos misândricos de uma mulher violentada ao longo da vida pelo cromossomo XY.

Se não fosse pelo meu cachorro salsicha, Axl (sim como do Guns n' Roses), eu não teria sobrevivido à gestação do meu filho. Tive depressão pré-natal e me agarrei à sua presença leal e carinhosa. Foram noites dormindo ao meu lado e me dando carinho para que eu continuasse viva. Um cão pode fazer muito mais pela gente do que diferentes tipos de antidepressivos.

Tampouco teria eu tido a maior surpresa da minha vida se não fosse viciada nos Vingadores, que por mera coincidência, me aproximou de meu namorado. Surpresa essa em descobrir que: homens também podem ser bons.

A vida toda fui violentada das mais diversas maneiras por homens, então, conhecer um que me trata como uma princesa e me faz feliz e completamente satisfeita foi uma das melhores coisas em toda minha vida. Com certeza estou curada.

“Bom dia!” – Essa foi a primeira frase que eu disse ao meu

bebê segundos depois de ter saído de dentro de mim. Ele chorava uma canção linda comemorando a vida. Não existe nada nesse mundo que me motive mais e mais a virar noites acordadas trabalhando, senão ele. A esperança de um futuro promissor para o meu filho é o novo gatilho que me impulsiona a cada vez mais melhorar como pessoa, ativista (dessa vez da maneira correta) e mulher.

Dedico esse livro a todos os homens da minha vida. Ao meu salsicha velhinho de 15 anos, ao meu namorado que me presenteou com um novo significado e esperança pra todo sexo masculino e ao meu bebê que será um homem maravilhoso e me encherá de orgulho sempre, ajudando o próximo.

E à Bia. Sempre a Bia. Bia é minha melhor amiga e mais: é meu anjo da guarda.

Obrigada também a você que comprou este livro, pois você me ajudou a chegar um tiquinho mais perto de realizar o meu sonho de trabalhar em casa e acompanhar cada etapa do crescimento do meu filho.

E ,por fim, sintam-se abraçados e amados, pois foi isso que Ele nos ensinou: "amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros" (Jo 13,34).

INTRODUÇÃO

Em 2012, dois dias após meu aniversário de 20 anos, viajei para a Ucrânia para aprender a protestar pelo direitos das mulheres com o grupo internacionalmente conhecido por performar de topless, o Femen.

Desde então, dei toda minha vida em nome do movimento feminista.

Noites sem dormir, frio, fome, perrengues inimagináveis. Fui presa, apanhei da polícia, e até hoje tenho 13 processos criminais devido aos protestos que fiz com o intuito de levar informação feminista para as mulheres brasileiras.

Venho de uma família humilde, até hoje meus pais nunca terminaram de pagar um carro e casa própria é um sonho que nunca se tornou realidade.

Durante toda a vida fui violentado por homens: meu pai, meu irmão, namorados, cliente de programa como prostituta, ex-marido... Isso me fez desenvolver uma doença que chamo de misandria e o feminismo só a agravou cada dia mais.

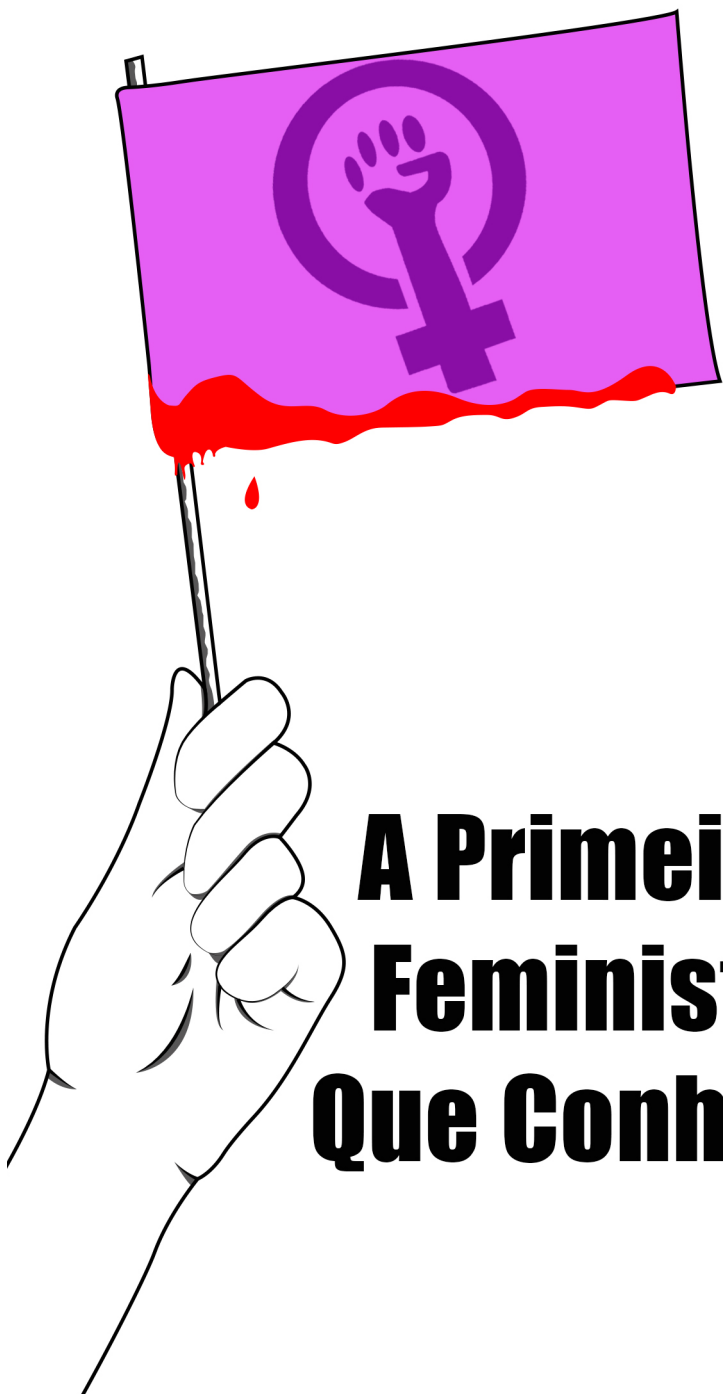
Hoje, meus caros, enfim estou curada.

Mas as histórias presentes nesse livro são de uma menina muito adoecida pelo ódio ao homens e que, no fundo, seu maior sonho era mudar o mundo e proteger todas as mulheres.

Quem diria que durante essa jornada árdua de militância esquerdista eu fosse perceber que existem mulher vilãs e homens mocinhos?

Compartilho com vocês parte dos bastidores do atual movimento feminista brasileiro.

Agora mais que nunca, sinto-me livre para mudar o mundo de verdade e desta vez para todas as pessoas, homens e mulheres.



**A Primeira
Feminista
Que Conheci**

CAPÍTULO I

A primeira feminista que conheci

Já fazia oito meses que eu havia me tornado garota de programa. Neste momento não vou falar sobre os motivos que me levaram a isso mas, basicamente, tudo aconteceu em decorrência de viver em uma família desajustada e repleta de violência! Para mim que já havia sido abusada, apanhado diversas vezes a ponto de ter hematomas sérios e viver em depressão profunda – chegando à automutilação -, além de já ter sofrido ameaça de morte por parte da minha própria família... Para mim e minhas circunstâncias a prostituição parecia ser só mais uma maneira de sobreviver!

A cada dia que meu dinheiro aumentava, minha vontade de viver diminuía. Eram sensações horríveis: um misto de nojo, tristeza, indignação e uma vontade desesperadora de pedir ajuda. Ali, no meio da rua, sozinha, eu morria lentamente, sufocada, invisível. Ninguém parecia me notar, mesmo passando tão próximas a mim.

Eu tinha 17 anos e estudava Relações Internacionais em São Paulo, capital. Na minha sala eu havia conhecido os jovens mais

ricos que eu pudera um dia imaginar. Pessoas que haviam conhecido inúmeros países, que eram fluentes em 2, 3, 4 línguas... Gente que, claramente havia tido oportunidades na vida muitíssimo melhores que as que eu tive. Dentre eles havia uma moça em especial: uma feminista. Ela vivia esbravejando sobre o direito das mulheres e nos tornamos amigas. Naquela vida solitária que eu levava via naquela moça, sempre sorridente, uma luz no fim do túnel para conseguir driblar - mesmo que por algumas horas - o meu estado mórbido de depressão.

Vou chamá-la aqui de Rachel, a primeira feminista que conheci.

Um dia, tomada por uma sensação desesperadora de medo e solidão, eu pedi pra Rachel me acompanhar até o banheiro feminino, lugar que escolhemos como um reduto de mulheres felizes, sorridentes e tagarelas, sempre atualizadas sobre as novas realizações da vida uma da outra no passar de um batom.

Aquele lugar era meu confessionário e, naquele dia, ela saberia toda verdade sobre mim, apesar de toda vergonha e repúdio que eu sentia de mim mesma. Para não encará-la, fechei-me dentro de uma cabine, respirei profundamente e contei em poucos minutos toda a verdade sobre a minha vida.

Naquele dia Rachel soube que as flores que eu segurava sempre ao chegar feliz à faculdade não eram presentes de um tal namorado gringo que eu havia inventado. Eram presentes que eu oferecia a mim mesma, compradas na floricultura a duas quadras da faculdade. Era a maneira de sustentar uma realidade inventada onde eu era somente uma menina com a sorte de nascer rica e que encantava o coração de um gringo de quem recebia flores semanalmente.

Rachel ouviu tudo do outro lado e quando eu abri a porta da cabine do banheiro juro que esperava ver uma mulher comovida, talvez até com lágrimas nos olhos, alguém que pudesse me acolher e me abraçar, alguém que entendia e que lutava pela libertação das mulheres. Ah, sim... Com certeza ela iria me ajudar, ela iria me dizer o que fazer e como sair daquela vida.

Mas quando meus olhos encontraram-se com o rosto dela eu pude ver a última coisa que eu esperava: euforia. Foi quando ela soltou um "nooossa, que legal!"

"LEGAL!"

"LEGAL!"

"LEGAL!"

Aquela palavra ecoa na minha cabeça até hoje, cinco anos e meio depois.

Acho que nunca ninguém quebrou meu coração como ela. O arrependimento de ter contado tudo a ela foi instantâneo. Tudo o que eu queria era poder voltar no tempo alguns minutos e continuar fingindo que eu era uma jovem rica, recatada e com um namorado perfeito.

A partir daquele dia a amiga que eu tanto gostava se transformou naquela pessoa de quem eu evitava me aproximar a qualquer custo.

Naquele dia Rachel passou a me encher de perguntas constrangedoras: "como havia sido os programas", "você conseguiu gozar?". GOZAR?? Com homens que eu jamais havia visto antes e que somente estavam interessados no meu corpo com um artifício de obter prazer? Gozar com caras que chegavam em meu flat e com os quais eu precisava insistir para tomarem um banho antes de deixar que tocassem as partes mais íntimas do meu corpo? GOZAR com homens que me faziam sentir dor e ficar machucada?

Só depois entendi que para uma feminista a prostituição é uma maneira de "empoderamento". Como é possível interpretar essa realidade de exploração e escravização da mulher como "empoderamento"? Como conseguem?

Ninguém nasce sonhando em ser prostituta. As mulheres, em sua grande e esmagadora maioria, recorrem a isso por problemas financeiros, causados quase sempre por uma família desajustada e violenta, por causa do abandono, por descuido.

E eu não me refiro a prostitutas de luxo que saem com famosos e ganham R\$15 mil por noite. Eu falo de mulheres que precisam ficar na rua, no frio, depois de um dia de trabalho duro, entrando em carros de homens completamente desconhecidos e sem saber se no final do programa vão ou não ser pagas, estupradas ou agredidas fisicamente, apenas para ter uma renda extra para sobrevivência. Ninguém gosta disso.

Quando contei meu segredo mais íntimo para Rachel tudo o que eu queria era alguém para me dar uma mão e me resgatar

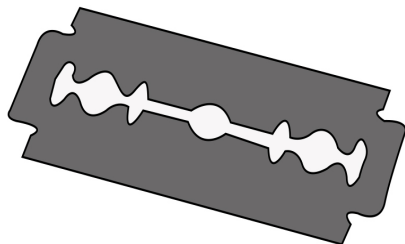
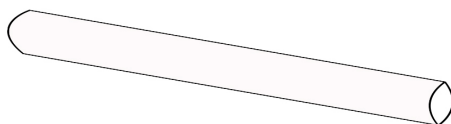
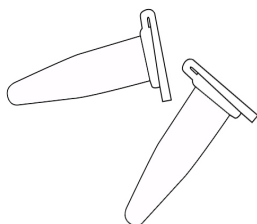
mas, ironicamente, a mulher que eu havia escolhido como amiga e salvadora tornou-se fã do meu estilo de vida depressivo. Um tipo estranho de fã que se empolgava com as histórias dos meus programas e com a minha degradação como ser humano.

Rachel, a primeira feminista que conheci e a quem muito me apeguei, era a amiga que me incentivava a continuar na prostituição uma vez que, ela dizia, isso me fazia cada vez mais dona do meu próprio corpo, me sustentava e permitia que eu construísse meu futuro.

Mal sabia ela que enquanto eu tentava sustentar o interesse em nossas conversas - com um meio sorriso - por dentro meu coração queimava em sofrimento e arrependimento por ter confiado e esperado ajuda de uma moça que dizia lutar pelas mulheres.

Eu não encontrei ajuda alguma na amiga feminista, mas isso foi apenas o começo.

Sexo, Drogas e Rock'n Roll



CAPÍTULO II

Sexo drogas e rock'nroll

Era uma noite gélida de sexta-feira na cidade de São Paulo. Dois mil e doze havia sido um ano muito louco pra mim! No intuito de viajar para a Ucrânia eu havia largado meu emprego como jornalista no maior jornal da minha cidade. No novo país eu aprendi a protestar com o grupo internacionalmente conhecido como Femen. Tirei minha roupa, fui presa, apanhei muito da polícia e acabei em todas as notícias do mundo. Mas nada disso se compara ao que iria passar no Brasil ao encontrar o "policiamento" feminista.

Quando voltei ao Brasil minha vida se tornou uma grande loucura. Eram 3, 4, 5, 6 entrevistas para diferentes veículos de informação do mundo inteiro. Eu era apenas uma menina com seus 20 anos de idade. Nem imaginava qual era a importância de me expressar bem e de pensar antes de abrir a boca para falar.

Aliás, nem imaginava que tanta repercussão fecharia muitas portas dos coletivos feministas no Brasil para mim! Sim, porque

antes de viajar eu havia mandado algumas mensagens e e-mails para os poucos coletivos feministas nos quais consegui entrar na internet. Era difícil! Bem diferente de hoje quando ao digitarmos na busca sobre Feminismo temos uma gama de diferentes movimentos, grupos e coletivos. Mas há alguns anos o retorno dessa busca era bem escasso, a maioria dos grupos feministas eram exclusivos dos espaços universitários.

Apesar de tentar contatar as feministas no Brasil infelizmente não obtive respostas e me assustei muito quando voltei ao país: logo percebi que havia uma enorme antipatia por mim pelo fato de eu pertencer a um movimento estrangeiro e ter técnicas de protesto diferentes das feministas mais acadêmicas.

Apesar disso, um dia, uma feminista bem conhecida no meio virtual, dona de muitas páginas no facebook com conteúdo de libertação da mulher, contra cultura do estupro, entrou em contato comigo. Marcamos um encontro, saímos, nos demos muito bem e, embora não tivéssemos nos tornado amigas, compartilhávamos das mesmas opiniões.

Ela era muito respeitada. Era uma acadêmica! Já havia escrito artigos para revistas científicas e era um modelo a ser seguido por muitas outras feministas que viam nela uma enorme fonte de inspiração... Vou falar dela mais adiante!

Além da dificuldade com o próprio meio feminista, encontrei outros desafios. Por exemplo, uma vez eu estava na capital paulista para planejar um protesto com a ajuda de outras ativistas do meu antigo grupo, FemenBrazil, e por motivos diversos eu não conseguia hospedagem na casa de nenhuma delas. Nossos amigos e familiares não compreendiam bem a questão da nudez envolvida nos protestos e isso prejudicava o apoio que poderíamos ter da parte deles, por isso era um desafio encontrar um lugar seguro para tomar banho, comer e dormir.

Essa é a razão pela qual a ideia que algumas pessoas têm de que eu tinha ou tenho dinheiro suficiente para me hospedar em hotéis é cômica e por vezes absurda. E tenho certeza que se alguma ex-ativista do FemenBrazil estiver lendo isso agora vai rir, concordar e lembrar de cada perrengue que passamos juntas por falta de dinheiro, mas que nos rendeu lembranças incríveis, momentos emocionantes e, por vezes, amizades duradouras.

E é aí que entra a acadêmica que falei! Lembra? Pois é. Vou chamá-la aqui de Scheila. Ela, que morava em um bairro nobre de São Paulo, me ofereceu casa quentinha, comida e banho. Era uma casa perfeitamente decorada num estilo moderno com um perfume maravilhoso de citronela que jamais me esquecerei.

Scheila foi um ponto de apoio importante! Em sua casa tomei banho, comi alguns biscoitos e depois, a convite dela, saí para uma balada na Rua Augusta, tão famosa, polêmica e tradicional rua e ponto de encontro de variados tipos de pessoas, um ponto turístico urbano e moderno na capital paulista.

Eu estava com pouquíssimo dinheiro e então Scheila me sugeriu que só passeássemos pela rua. Eu estava morta de cansada, havia treinado com as ativistas, dado milhares de entrevistas, mas para não fazer nenhuma desfeita para quem me acolheu aceitei sair com Scheila, né? Fazer o quê?

Eu já sabia que não iria dormir, pois o metrô em São Paulo para de funcionar às 0h e só volta lá pelas quase 5h da manhã. Preparei-me mentalmente, me arrumei bem meia boca e fomos.

Estava muito frio, meu casaco não me isolava totalmente, e eu podia ver minha própria respiração sair pela boca! Mas eu já havia passado por coisas extremamente piores antes... Eram só algumas horas e depois eu poderia me acomodar num sofá quentinho e dormir um pouco.

Enquanto caminhávamos éramos paradas por pessoas que me reconheciam e pediam para tirar fotos ou ficavam perguntando as mesmas coisas de sempre "por que você faz isso?", "o que seus pais acham?". As perguntas repetitivas me deixavam ainda mais cansada... Mas sempre fiz questões de conversar e responder adequadamente todas as pessoas.

As horas pareciam não passar, e eu não tinha dinheiro nem para comprar um energético. Scheila me oferecia cerveja de cinco em cinco minutos, mas a questão é que eu não bebo! Já bebi quando era adolescente, mas consegui parar. Tenho alguns problemas com bebida, mas sobre isso eu vou falar em outra oportunidade.

Minha companhia caridosa ficava me questionando o tempo todo sobre a razão de eu não beber e nem usar nenhuma droga... Ela dizia que aquilo era uma caretice, que eu era chata, quadrada e blábláblá.

Foi então que encontramos um velho amigo de Scheila. Ele estava acompanhado de outro amigo e nos posicionamos em um canto, encostados em uma parede na tentativa de fugirmos do vento gelado.

Conversamos sobre política, economia, cultura. Éramos todos de esquerda e eu era a única que não estava em uma universidade. Conversamos muito sobre a descriminalização das drogas... Na época eu tinha uma posição contrária à descriminalização e isso fez com que o assunto se alongasse de tal maneira que chegou a ser insuportável.

Não deveria ser tão problemático assim... Eu expliquei que por razões pessoais, por ter familiar viciado em cocaína e crack e por ter sofrido demais na mão dele eu não conseguia ser imparcial com esse assunto. Todavia, a insistência em aceitar e engolir a opinião deles era demais e rapidamente começaram a questionar se eu era favorável à Direita no Brasil. Rapidamente respondi que não. E eles insistiram na questão de descriminalização das drogas... Minha vontade era de falar que pra mim quem usa droga é vagabundo que merece levar no mínimo um tapa no meio da fuça, pois em todos os lugares existem informações de que vicia, prejudica a saúde e destrói famílias mas, mesmo assim, os vagabundos vão lá e usam. Mas é claro que eu jamais poderia falar isso, senão seria acusada de direitista, fascista e nazista. Preferi calar.

Conversa vai, conversa vem, o amigo de Scheila começou a beijá-la e eu fiquei tentando permanecer o menos sem graça possível conversando com o outro cara. Deixei ele falar bastante, pois era o tipo de homem que curte mostrar que tem o ego bem inflado.

Eu sentia o cansaço bater forte, ainda faltavam pouco mais de duas horas para o metrô voltar a funcionar. Tudo bem, eu iria sobreviver.

Foi quando meu mundo desmoronou: o amigo de Scheila tirou do bolso um pequeno objeto que me lembrava uma bucha dessas de conectar com parafuso. Ele me olhou e disse "hoje vamos fazer você mudar de opinião".

Eu, no auge da inocência, não entendi nada e todos riram. Foi quando Scheila me pediu para abrir a mão e colocou aquele pino sob a minha palma. Depois de um tempo olhando, eles me disse-

ram que era cocaína. Meu coração morreu ali. Eu jamais gostaria de ter tocado naquilo. Eu me senti enganada e traída. Ali estava diante de mim a droga que, por causa de outra pessoa, fez com que eu passasse por tantas coisas ruins na minha vida.

Fiquei tensa. Por um momento pensei em jogar no chão, mas tive medo que eles fossem me xingar, então simplesmente devolvi. Não tinha como evitar minha "cara de bosta" depois dessa situação. Eles queriam ir pra casa do amigo de Scheila que ficava 20 minutos a pé de onde estávamos. Para que? A ideia era passar a noite lá bebendo e cheirando cocaína com sexo e música.

Eu fiquei em pânico quando o outro cara começou a se aproximar flertando comigo. Ali caiu a minha ficha de que a noite poderia ficar ainda pior. Mas eu não queria e eu não iria fazer absolutamente nada forçada.

Chamei a Scheila em um canto e disse que não iria sair com eles. Eu estava morrendo de cansaço, além da brincadeira de mau gosto deles ter estragado qualquer tipo de vontade de continuar conversando. Pedi para irmos embora e ela insistia cada vez mais para irmos com eles, que eu não precisava usar a cocaína se não quisesse. Mas eu não queria de jeito nenhum.

Foi uma conversa tensa na qual ela disse que sempre foi apaixonada pelo cara e finalmente estavam ficando e ela não queria que eu estragasse a noite de todos.

Ingenuamente perguntei se eu não poderia voltar e ficar na casa dela. "Não me leve a mal, mas preferia que você não ficasse sozinha no meu apartamento" foi a resposta. Eu fiquei totalmente petrificada e já não conseguia mais dialogar.

Eu desejei uma boa festa para todos, me virei e fui embora andando. Eu teria de passar a noite toda sozinha, na rua, com fome e frio, pois não tinha dinheiro nem pra comprar um salgado.

Antes de sair, contudo, combinei com Scheila de encontrá-la às 10 da manhã na casa dela para que eu pudesse pegar minha mochila que havia ficado lá. E assim eu fiz. Passei frio, fiquei sentada num canto vendo as pessoas passarem, bebendo, felizes, rindo e saltitando, enquanto eu chorava desolada sem entender por qual razão uma mulher, uma feminista, uma irmã de luta havia me abandonado com fome, sono e frio, muito frio.

Ela não deveria me acolher, me ajudar? Ela simplesmente me

trocou facilmente por sexo e drogas.

Cheguei ao apartamento às 10h da manhã em ponto, depois de ver o sol nascer na Avenida Paulista e de ter tido a brilhante ideia de cochilar no chão do banheiro do Extra da Brigadeiro Luiz Antônio que era 24h na época. O cheiro não era dos melhores, mas pelo menos não era tão frio quanto lá fora.

Scheila só apareceu na casa dela às 14h se desculpendo muito pelo atraso. Atraso? Quatro horas só né...

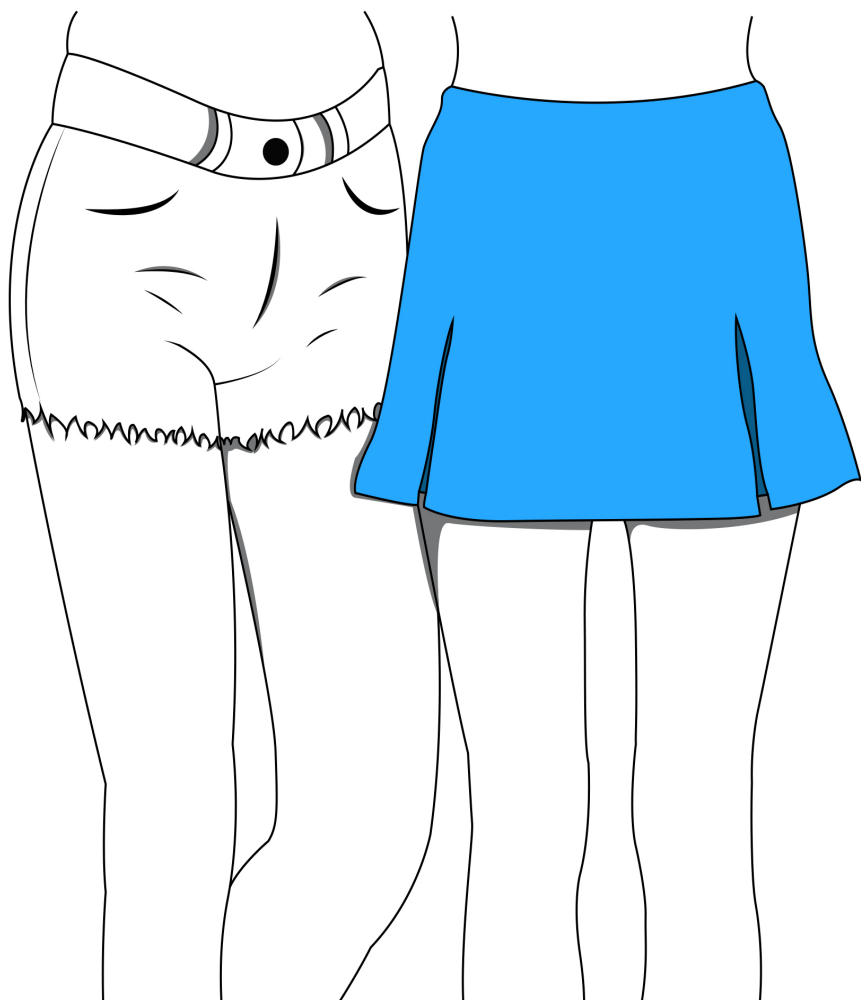
Scheila queria conversar, contar tudo o que aconteceu e como eu havia perdido por ter ficado mal humorada e ter ido embora. Foi uma noite muito produtiva com cocaína e um "ménage a trois" com direito a penetração dupla e pelo jeito sexo anal hardcore... Era o ponto forte do orgulho dela.

Eu simplesmente não queria saber de nada disso, apenas queria ir embora e nunca mais olhar na cara dela. E foi o que fiz, peguei minhas coisas e me mandei.

Depois de cumprir com todos os meus compromissos em São Paulo, voltei para minha cidade no interior no mesmo dia e bloqueei Scheila de todas as minhas redes sociais, não queria nenhum contato. Mas, para minha surpresa, quando ela descobriu que fiz isso, escreveu em vários grupos feministas que eu era de direita, e que não a respeitei e tentei oprimir a liberdade sexual dela.

Chorei muito quando vi isso, me senti absolutamente humilhada e feita de trouxa. Tentei me defender! Mas, como Scheila era uma pessoa respeitada no meio feminista, é claro que acreditaram nela e não em mim. E foi a partir deste dia que eu coloquei na minha cabeça que a coisa mais segura que eu podia fazer é ter medo de feministas.

Mulheres Também Estupram, sabiam?



CAPÍTULO III

Mulheres também estupram, sabiam?

Eu nunca imaginei que a militância feminista pudesse fazer tanto sucesso e atrair cada vez mais mulheres. Todos os dias eu recebia mais ou menos uma média de cem e-mails por dia: metade era formada por pedidos de garotas querendo protestar de topless; a outra metade era formada por jornalistas, fotógrafos e assessorias de programas de televisão querendo marcar entrevistas.

Era impressionante! Mas eu não sabia lidar muito bem com tantos telefonemas, mensagens, assédio. Sim, assédio... Por algum tempo foi quase impossível para mim andar a pé na capital paulista. As pessoas me paravam para tirar muitas fotos, perguntar coisas, pedir autógrafa.

Até aí, tudo bem, mas sempre tinha alguém que do nada apertava meus seios por aí. Era muito constrangedor! Quando era um homem heterossexual que fazia isso eu ameaçava até de morte... Quando era um homem gay eu simplesmente não tinha cora-

gem para reagir, mesmo sentindo igual constrangimento. Tentava me acalmar afirmando para mim mesma: afinal, se ele não gosta de mulher não tem problema ele apertar meus seios, não é mesmo? NÃO! Mas eu só fui aprender isso muito tempo depois.

Mas um constrangimento ainda maior estava por vir: eu seria abusada. Não por um homem gay, nem por um homem heterossexual. Eu seria abusada pela primeira vez por uma mulher. Falar sobre isso não é fácil... Mas, vamos lá.

Conheci muitas mulheres durante meu ativismo no FemenBrazil. Algumas mulheres permaneceram por mais de um ano, e outras apenas por alguns dias ou horas. Algumas estavam realmente interessadas em uma militância séria contra o machismo, enquanto outras somente tinham a necessidade de aparecer em matérias online, jornais impressos e na TV. Mas, uma delas – a quem vou chamar aqui de Leandra - havia entrado no movimento por um motivo bem diferente. Esse motivo era eu.

Foi uma das situações mais complicadas da minha vida. Não digo que foi a pior, claro que não, mas foi bem complicado. Leandra era de uma família de classe média alta, era impecavelmente linda, estava dentro de todos os padrões de beleza europeus. Ela poderia ser modelo, mas ela estava ali querendo ser ativista do Femen e colocar os seios à mostra em um protesto com palavras de ordem contra o machismo, ser pega por policiais, vez ou outra apanhar e ser detida. Realmente parecia alguém comprometida com a causa.

Leandra, além de linda, culta, engraçada, prestativa, era lésbica. E não teria absolutamente nada de errado nisso se não fosse o fato de ela constantemente dar em cima de mim.

Quando conheci Leandra eu acreditava que eu era bissexual. Não, não sentia absolutamente nenhuma atração por ela... Hoje eu sei que minha "bissexualidade" era forjada, não passava de uma tentativa minha de engolir a propaganda de teoria de gênero e assim desconstruir minha heterossexualidade e parecer mais legal aos olhos das irmãs de luta. Mulheres heterossexuais não são exatamente a melhor propaganda para o movimento feminista, ainda vou falar disso.

Enfim! Posso afirmar claramente que minha relação com Leandra era meramente uma relação de trabalho e uma amizade

em desenvolvimento. Mas, mal sabia eu que essa visão era exclusiva minha e estava muito distante da visão dela.

E assim, sempre quando estávamos sozinhas planejando calendário semanal de compromissos do FemenBrazil, Leandra encontrava alguma maneira de se aproximar de mim mais do que deveria: uma agarradinha ali, um beijinho mais próximo da boca aqui... Ela fazia piadinhas do tipo "terminamos os compromissos, vamos transar agora?" e me deixava completamente constrangida.

A situação chegou a um ponto em que eu desenvolvi uma aversão por ela. Várias vezes eu disse a ela que me sentia desconfortável com essas brincadeiras, mas de nada adiantava: ela jamais cessava.

Uma noite fiquei hospedada com Leandra e outra ativista na casa de um amigo jornalista. Na casa dele havia uma cama de casal e um colchão inflável e como sempre Leandra havia decidido que ficaria comigo na cama, enquanto nossa amiga dormiria no colchão ao lado, no chão.

Não gostei. Mas me convenci que era só mais uma noite e que logo eu voltaria para São Carlos e ficaria longe dela. Além do mais estávamos todas exaustas, havíamos dado muitas entrevistas e conversado com muitas mulheres que gostariam de fazer parte do movimento... Nada de mais poderia ocorrer. Dormimos em cinco minutos.

A noite teria sido boa se eu não tivesse acordado com os beijos de Leandra em meu rosto e com a mão dela em meu seio. Eu fiquei petrificada. Por que Deus, por que comigo? Eu simplesmente não conseguia reagir. Eu fui ensinada que não devemos gritar com pessoas homossexuais, isso é homofobia. Eu não conseguia fazer nada.

Mas tomei coragem, levantei e disse a ela que eu iria dormir na sala. Ela até tentou argumentar e eu disse que conversaríamos sobre isso na manhã seguinte.

Peguei o travesseiro e o lençol e fui pra sala. Não tive coragem de deitar no sofá, pois esse amigo jornalista morava com a família e eu não gostaria de ser inconveniente. Assim, dormi sentada mesmo.

Na manhã seguinte agimos como se nada tivesse acontecido. Peguei o metrô e voltei para São Carlos, minha cidade. Só então,

pela internet, tive coragem de tocar no assunto e dizer que me senti constrangida, impotente. Avisei Leandra que se ela fosse um homem eu poderia comparar o que ela fez comigo como um estupro. Ela reagiu! Disse que jamais me faria mal. Mas eu me senti mal, eu me senti violada. Foi uma sensação horrível.

Decidi então cortar relações com Leandra e respirei aliviada acreditando que a partir daí nunca mais eu teria que falar com ela de novo... Doce ilusão.

Foram quase dois meses de perseguição. Ela me procurava constantemente através de fakes no Facebook, me ligava de números diferentes, me mandava e-mails. Foi ficando cada vez mais inconveniente. Até o telefone do comércio da minha mãe ela descobriu e não parava de ligar.

Para que todo esse inferno acabasse eu ameacei abrir um boletim de ocorrência contra ela e também ameacei contar para a mãe dela que a filha era lésbica. Assim, finalmente, a perseguição acabou e pude ter paz.

Leandra só queria que eu a perdoasse. Perdoar? E se fosse um homem no lugar dela que tivesse feito a mesma coisa? Jamais perdoaria. Portanto, ela conseguiu o que buscava na militância feminista: igualdade de tratamento. Se um homem não pode me violentar, uma mulher também não pode.

Quem Tem Medo de Feminista?



CAPÍTULO IV

Quem tem medo de feminista?

Apesar do boicote de muitos coletivos feministas ao Fe-menBrazil, eu e outras ativistas seguíamos marcando presença em todos os eventos importantes no País envolvendo feminismo e direitos LGBT.

Por isso, depois de uma temporada fora, rodando por três estados do Brasil, eu e outra ativista fomos descansar um pouco em minha cidade, São Carlos (SP), para depois dar sequência a outros protestos.

No entanto nosso descanso foi interrompido quando soubermos que haveria um coletivo feminista dando uma aula sobre “Ideologia de Gênero” na Universidade Federal de São Carlos (UFScar). Seria uma informação importante, achamos... E, assim, imediatamente reservamos a data em nossa agenda e esperamos ansiosas pela ocasião.

Quando o dia do evento chegou sabíamos que não seria fácil participar da aula sem sermos percebidas! As pessoas sempre nos

reconheciam e as feministas nunca nos tratavam bem por causa de divergências ideológicas ou por não concordar com a execução de nossa militância.

Mas não nos importamos. Eu e minha amiga caminhamos até a UFScar e enquanto esperávamos em um hall de um dos departamentos na área de Ciências Humanas notamos que muitas pessoas, homens e mulheres, estavam olhando com ar de reprovação para nós. Foi estranho, mas o que poderíamos fazer? Apenas engolimos seco e assim que abriram a sala entramos para esperar a aula.

Para nossa infelicidade a aula nada mais foi que uma dinâmica em grupo! E devido ao clima nada acolhedor fomos as últimas a conseguir um grupo para podermos debater sobre ideologia de gênero.

Durante o debate com o grupo formado por estudantes da universidade e por pessoas da comunidade, incluindo aí adolescentes, pudemos aprender que se uma pessoa se identifica como mulher, então será mulher em sua total essência, e isso não tem nada a ver com ter vagina. A mesma coisa para o caso da identificação com o gênero masculino.

Na ocasião também assistimos a documentários sobre depoimentos de travestis e pessoas transexuais e fomos esclarecidas sobre a diferença entre identidade de gênero e opção sexual. E, claro, como boas feministas que éramos, apenas concordamos com tudo, sem refletir por um segundo sobre como a própria biologia humana determina o que é um homem e uma mulher.

Ao final da aula – pura lavagem cerebral! - resolvemos sentar em uma lanchonete, comer e conversar sobre o novo aprendizado até anoitecer e chegar a hora de voltarmos para casa. Porém, enquanto caminhávamos tranquilas notamos uma pequena agitação no bar à nossa frente. No início achávamos que se tratava de uma discussão, ou briga, então decidimos sair da calçada e andar no meio da rua, por onde quase não passavam carros naquele momento, afastadas do bar.

Há poucos metros podíamos ouvir que os gritos, na verdade, eram para nós. Homens e mulheres, dentre os quais alguns que estiveram com a gente na aula, gritavam ofensas contra nós. Chamavam a mim e a minha amiga de fascistas, gritavam coisas como

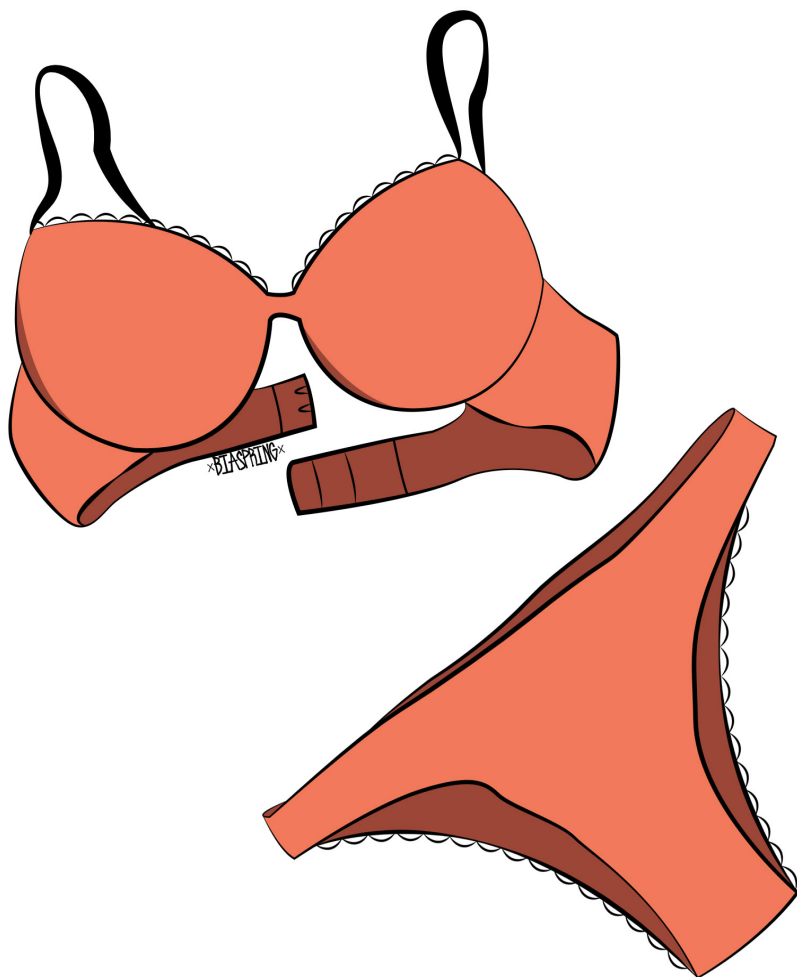
“sai daqui” e vaiavam muito. Foi um momento de pânico! E o que mais nos chocou foi ver que dentre o grupo ali reunido havia mulheres feministas gritando contra nós. Foi horrível.

Um dos homens “feminista” levantou bruscamente, derrubando a cadeira, fazendo muito barulho e berrando em nossa direção: “piranhas fascistas!!!” E ele fez isso na frente das feministas, a quem eu considerava irmãs de causa. Ao medo somou-se a decepção... Era inadmissível que as mulheres ali presentes deixassem que isso acontecesse com outras mulheres.

O homem que se levantou era de esquerda e continuava agressivamente nos chamado de “piranha”, aos berros. Por que as mulheres que estavam com ele não se uniram para enfrentar tamanha violência e ajudar as irmãs que se encontravam em situação arriscada? Ao contrário, elas instigavam a violência contra nós.

Assustadas, eu e minha amiga tivemos a impressão que se não saíssemos logo dali iríamos apanhar para valer. Corremos o mais rápido possível!! Ao longe, podíamos ainda ouvir vaias misturadas aos risos. Paramos na frente de um cemitério com cara de quem fugia de assombração... Mas, na verdade, era só o fantasma do feminismo moderno que nos botou para correr. Foi assim que entendemos perfeitamente que se não agimos conforme a ideologia feminista predominante nosso destino era ser linchada moral e fisicamente.

É Muita Hipocrisia, Mona!



CAPÍTULO V

É muita hipocrisia, mona!

Certa vez fui convidada para ir a um programa de TV na capital paulista e aproveitei para, junto de minhas irmãs de luta feminista, participar de palestras, fazer protestos, enfim, ajudar o mundo a ser melhor. Doce ilusão.

Eu me lembro com uma angústia pesada em meu peito desses quatro dias. Como sempre, eu dependia de uma boa alma para me hospedar e dessa vez foi uma feminista liberal, que chamarei de Patrícia, quem se ofereceu para me ajudar.

Era um apartamento de três quartos onde viviam Patrícia, sua amiga travesti Kimberly e mais dois estudantes, um moço que sonhava em ser engenheiro e uma cabeleireira. O lugar estava completamente desorganizado e cheirava a comida podre. Eu, frenética que sou por limpeza e organização, já sabia que seriam quatro dias difíceis.

Quando cheguei no local fui recepcionada pelo estudante de engenharia, uma vez que Patrícia não estava lá! Ele me acompanhou até o quarto onde eu iria ficar e, ao chegar lá, que surpresa: soube que dividiria o espaço com mais de uma pessoa mesmo não havendo por ali nenhum colchão extra, nem mesmo um sofá. Resultado: eu dormiria em uma cama de casal com Kimberly e Patrícia.

Mas, tudo bem, eu já havia dormido em lugares muito piores. Contudo, o que eu não sabia era que Kimberly era um travesti de quase dois metros de altura e de uma largura a ocupar mais da metade da cama. Céus! Tentei me sentir confortável com a ideia, o importante é que eu iria conseguir dormir, não é mesmo? Não, na verdade tudo iria ser o maior inferno.

Passei o dia fora dando entrevistas para jornais, revistas e fiz uma coletiva com vários alunos de diferentes universidades que precisam de ajuda para finalizar monografias e TCCs. Quando voltei ao apartamento estava “só o pó da rabiola” – como costumava dizer – e morta de fome. Mas, antes de entrar no apartamento eu fui comprar um miojo na padaria da esquina pois ninguém havia me oferecido nada para comer no apartamento.

Por volta das dez horas da noite resolvi entrar no apartamento. Ao longe dava para ouvir a música eletrônica alta vindo de dentro do lugar... Me preparei mentalmente e entrei. O que foi aquilo? Parecia um concurso de beleza de travestis. Não lembro exata-

mente quantos eram, 6 ou 7 se espremendo para ver no espelho suas respectivas fantasias por ocasião das festas de Halloween, estávamos no final de outubro

Estava tão cansada, mas ninguém ligou. Puxaram conversa... Falaram todas aquelas palavras com significados que só eles sabem... O inferno estava só começando. A música cada vez mais ensurdecadora me fazia ter ainda mais nojo de cada centímetro daquele local fedido e grudento. Controlei minha reação, fingi toda paciência que eu não tenho e esperei o sono chegar para, enfim, dormir no quarto que eu dividiria com Patrícia e a travesti Kimberly.

Qual foi minha surpresa ao ver que elas continuavam se arumando enlouquecidas, vibrando com suas fantasias dignas dos clips da Lady Gaga. Eu chamei Patrícia e disse que precisava muito dormir. "Então dorme, deita aí..." Foi o que ouvi. Como conseguiria dormir com oito pessoas gritando histéricas, dançando e se maquiando, com a luz acesa e um remix da Lana del Rey tocando no último volume?

Decidi apenas deitar num pequeno espaço da cama que não estava ocupado por roupas, pedaços de comida velha e pessoas. Fiquei ali quietinha, me fingindo de morta até que o que não poderia ficar pior, piorou... Me importunaram com uma pergunta: você quer dar uma cheirada?

Sim, uma cheirada. De novo aquilo estava acontecendo comigo. Por que eu não conseguia ficar longe desse tipo de coisa? Será que usar drogas é um requisito para ser feminista ou para ser simpatizante LGBT? Eu não conseguia acreditar naquilo.

Após um dia inteiro sujando meu nome para lutar por todos eles ali o que eu ganhava em troca? Drogas? Não, obrigada.

Eu neguei umas dez vezes enquanto via a cocaína ser distribuída em uma linha reta na parte de baixo de um prato que estava em cima da cômoda de Patrícia. Aquilo me rasgava por dentro dado meu histórico familiar de problemas com drogas.

Já era mais de uma hora da manhã e fui obrigada a me manifestar. Pedi para abaixarem a música só para que eu pudesse descansar um pouco. A resposta foi um coro de travestis dizendo "se joga, mona!".

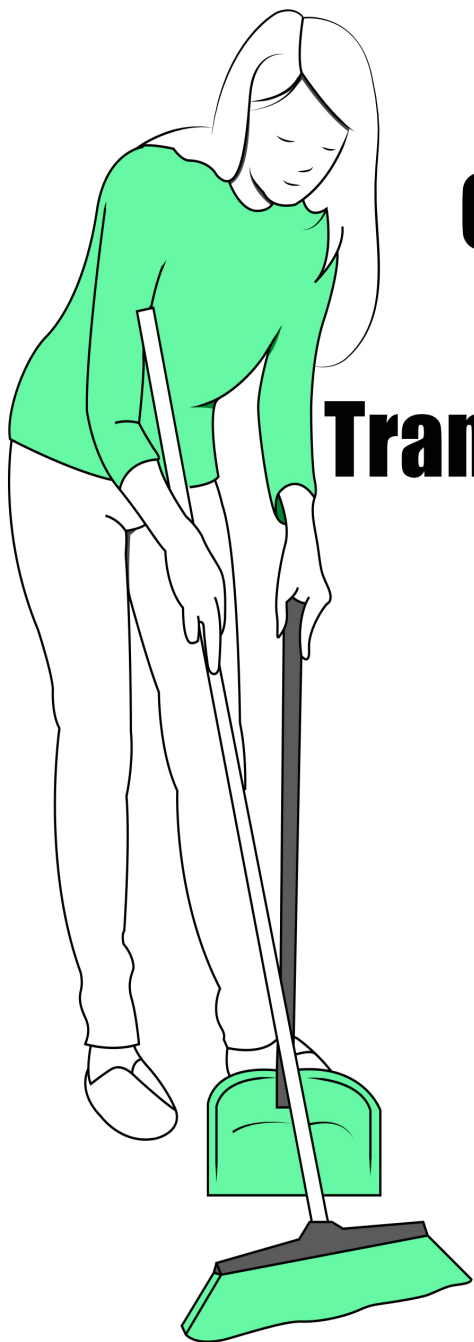
Eu me rendi. Fiquei deitada e quieta sem conversar com nin-

guém, e mais de uma hora depois todos foram para festa e eu finalmente pude descansar. Mas não por muito tempo! Eles voltaram antes do amanhecer e se espremeram na mesma cama onde eu estava.

Como eu não iria conseguir dormir mais, decidi tomar um banho e sair para começar meu dia, mesmo que o sol não tivesse raiado ainda.

O banheiro estava tomado por vômito! Joguei um pouco de água no chão, limpando o caminho que eu teria de pisar para ir até o chuveiro e ignorei o resto. Chorei debaixo do chuveiro ao me lembrar que algumas daquelas pessoas, incluindo Patrícia, estudavam em universidades públicas e eram sustentados por seus pais.

Pessoas que falam sobre acabar com a corrupção do governo, mas que desviam o dinheiro suado dos pais para gastar em drogas e bebidas. Quanta hipocrisia... Eu podia ver ali no chão do banheiro o sofrimento, o cansaço e o esforço dos pais daqueles meninos.



**O Dia Em
Que Me
Transformaram
Em
Amélia**

CAPÍTULO VI

O dia em que me transformaram em Amélia

Existem muitas coisas que as pessoas não sabem sobre mim. Um fato curioso, por exemplo: eu amo cozinhar! E, modéstia a parte, faço isso muito bem. Além disso, sou viciada em limpeza e organização. Então, sempre que possível, passo um pano úmido pela casa e organizo cada cantinho. Louça suja de bobeira na pia? Nem pensar! Eca! Sei que essas características são comuns a tantas outras mulheres que encaram o mundo real e estou satisfeita de ser como elas.

O que parece algo normal para tantas mulheres me trouxe alguns problemas. O que pode haver de errado em saber cozinhar bem e fazer gostosuras para você mesma ou para deliciar as pessoas que você mais gosta? Cozinhar era exatamente o que eu fazia espontaneamente para alegrar meu ex-marido e nossos amigos. Mas, para minha surpresa, eu não alegrei a todos.

Tudo aconteceu quando eu e meu ex-marido ainda éramos namorados! Eu praticamente morava na casa dele, no subúrbio do

Rio de Janeiro. E como eu não pagava aluguel, me sentia responsável por contribuir pelo menos com a limpeza e organização da casa, assim como na preparação das refeições para nós dois.

Na época convidamos uma amiga feminista e o namorado dela para passarem o final de semana com a gente. Foram dias divertidos, seguidos de conversas, violão, filmes e churrasco. Programa de começo de namoro... Aquela coisa ultra romântica e melosa. Eu sempre gostei de tratar as pessoas que eu gosto muito bem, e até hoje sou assim.

Bem, como eu estava em casa com o meu então namorado, na companhia de amigos, não tinha por que dissimular meu "ultra romantismo" e por isso mantive o costume de comer no mesmo prato que meu namorado, usando apenas um talher, revezando a posição de quem alimentava quem com a comida na boca do outro. Nosso amor era assim! Cada um com seu cada qual, ok?

Minha relação com o meu ex-marido era bem diferente da relação da minha amiga feminista – a qual vou chamar de Melissa – com o namorado dela – o qual chamarei de Filipe. A impressão que eu tinha é que Melissa só sabia dar ordens a Filipe e ele, meio bobão, sempre aceitava tudo calado. Eu achava horrível esse comportamento... Pior ainda ver que ela sempre buscava uma maneira de humilhá-lo com piadinhas. Era impossível não notar que Filipe era submisso à ela, a sempre altiva Melissa.

Mas, enfim... Cada um com seu cada qual. Problema do namorado dela se queria ser tratado assim! Eu só lamentei, mas não deixei que isso impedisse o momento de todos nós juntos naquele final de semana feliz. Feliz? Não para Melissa... E logo logo eu iria saber o quanto ela odiou estar ali comigo e meu ex-marido, mesmo não tendo expressado nenhuma contrariedade enquanto esteve conosco.

Na semana seguinte notei que ela estava meio afastada de mim. Isso me incomodou muito e eu resolvi perguntar o que estava acontecendo. Foi então que ela vomitou palavras que me atingiram em cheio: "Você é uma fraude, Sara! Uma fraude!"

Ela dizia que era um absurdo uma feminista como eu ser uma "doninha de casa" e querer agradar o meu "macho", se referindo ao meu ex-marido como se fosse meu dono. Ela me chamou de "Amélia" e disse que meu comportamento era um retrocesso para

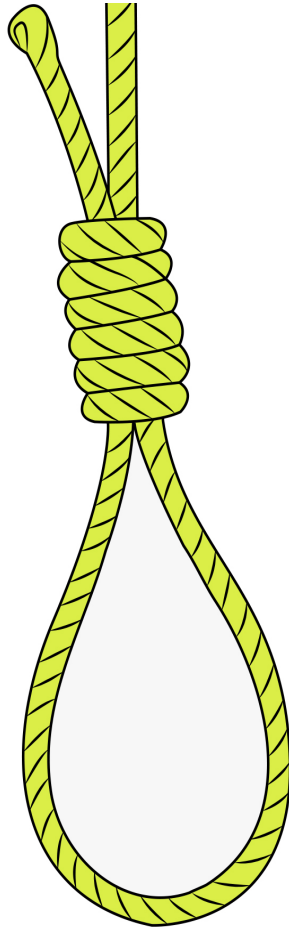
todas as mulheres. Que feministas de verdade devem se impor e jamais podem dar qualquer tipo de luxo aos seus parceiros.

Aquilo era um absurdo! Quer dizer que uma mulher apaixonada que só queria curtir o momento ao lado do namorado não pode tratá-lo bem? Não é o que todos os casais normais do mundo fazem? E se em vez de ser um homem amado fosse a mulher amada? Uma mulher heterossexual não pode tratar bem a pessoa com quem se relaciona? Mas uma lésbica pode tratar bem sua mulher? Quanta hipocrisia. Eu realmente não queria tratar meu ex-marido ou qualquer outro homem da maneira autoritária e fria como Melissa tratava Filipe. Não era correto, não era respeitoso, não tinha nada a ver com a igualdade que o feminismo tanto prega.

Foi assim que minha amizade com Melissa acabou. Teria sido algo tranquilo se ela não tivesse espalhado em vários grupos feministas a notícia de que eu era nada mais nada menos que uma "Amélia", uma fraude. Pura intriga, fofoca, baixaria. Atitude bem distante da tal sororidade – irmandade – pregada entre as feministas.

Aliás, por que feminista têm sempre que ser fofoqueiras? Se há divergências entre feministas aquelas que se sentem contrariadas vão lá, escrevem coisas horríveis sobre você, expõem prints da tela do computador e organizam um pequeno exército de outras feministas para te perseguir e humilhar online ou pessoalmente. E depois vão arrotar "sororidade" na primeira oportunidade... "Sororidade" passa então a ganhar sentido de submissão. Que irônico! As "Amélias" são exatamente o modelo de mulheres submissas que o feminismo rejeita, porém eu era chamada de "Amélia" justamente por não me submeter ao ideal feminista de tratamento para com o parceiro com o qual me relacionava. Ora, as submissas eram elas! Eu fazia o que fazia por livre vontade.

Bem, algumas semanas depois chegou a notícia para mim de que Melissa estava grávida e morando na casa de seu companheiro. Além disso ela estava desempregada e era obrigada a cuidar das tarefas domésticas – que ela tanto detestava - sozinha. Para ela, com certeza, isso deveria parecer uma grande punição... Parece que o jogo virou, não é mesmo?



**Sobrevivi Para
Contar**

CAPÍTULO VII

Sobrevivi para contar

Eu estava na capital paulista para um curso de fotografia e fiquei hospedada no apartamento de um casal de amigos. Na verdade a moça era anti-feminista e de direita chamada Peach! Como foi que a conheci? Bem, nós havíamos nos aproximado depois do término do meu casamento.

Me lembro nitidamente dela passar 8 horas seguidas conversando comigo pelo Facebook sem mal me conhecer, sem me deixar sozinha um único segundo, me confortando enquanto eu chorava um relacionamento perdido. Ela me ajudou como nenhuma feminista havia me ajudado antes, e serei eternamente grata a ela até o fim de minha vida!

Eu adorava aquele casal, adorava o apartamento alternativo e as gatas lindas que eles amavam como filhas. Nos dávamos extremamente bem, apesar das divergências políticas. É verdade! Não concordávamos em muitas coisas, mas e daí? Era uma mão amiga, alguém que se importava comigo. Eu não passo 24h do dia gritando nas ruas, fazendo protestos... Sou uma pessoa normal que não escolhe seus amigos pelo volume de decibéis que são capazes de emitir em uma passeata contra o "patriarcado". Quem vive querendo mudar as pessoas e torná-las sempre parecidas consigo mesmo deve ter algum problema... E esse tipo de problema eu nunca tive.

Bem, enquanto eu passava os dias em São Paulo, conheci um rapaz muito gente boa que vou chamar de Gael! Ele era alto, forte, negro e se vestia muito bem, com um estilo urbano e descolado. É lógico que eu o convidei para sair, ok?

Fomos para o apartamento de nossos amigos e todos ficamos bebendo, trocando ideias, falando sobre política, arte e economia. Aquela noite eu e Gael dormimos juntos e ao amanhecer ele foi embora.

Quando levantei fui checar minhas redes sociais e me deparei com uma feminista me acusando de racismo. Céus... Como assim? Fiquei incrédula. Eu? Racista? Não é possível, não podia engolir isso. Revoltada, argumentei falando que meu pai é negro, bem como minha melhor amiga e que naquela mesma noite, enquanto a acusação rolava, eu havia feito amor com um homem negro.

Alguém me explica como eu, fruto de um relacionamento

interacial e que construo relacionamentos afetivos e sexuais com pessoas negras... Como eu poderia ser racista? Ah, minha gente! Se eu soubesse o que este comentário causaria em minha vida, eu jamais o teria feito.

Caí na sopa de letrinhas do código sagrado do feminismo. Jamais poderia imaginar que existe um termo sociológico chamado "*Token*" que nada mais é do que a situação em que uma pessoa branca justifica seu racismo usando o relacionamento ou preferência por pessoas negras, como foi meu caso. Só o que eu disse foi que não era racista porque tenho pai negro, melhor amiga negra e também faço amor com negros, mas para o código feminista tudo isso que falei era o mesmo que dizer que uma pessoa não é homofóbica porque tem amigos gays.

Mas eu não sabia que isso era algo pejorativo de se dizer. Sequer sabia, como aposto que muito de vocês também não sabem, da existência desse termo "*token*". E isso foi o bastante para que o Facebook feminista virasse de cabeça para baixo. Elas tiraram *printscreen* do meu comentário e publicaram em todos os grupos de feminismo, esquerdismo e movimento negro. Eu virei um alvo humano.

Rapidamente minha caixa de mensagens do Facebook lotou de comentários de homens e mulheres me chamando de racista. Havia ameaças de agressão física, de morte, havia pessoas tentando me doutrinar e explicar que aquele meu comportamento não era permitido, e muitos insistiam no termo "*token*" sem parar... Foi um inferno!

Eu fui excluída de todos os grupos feminista que participava e as pessoas me agrediam psicologicamente e moralmente. Culpada e condenada pelo tribunal feminista sem direito à defesa! Parece que eu voltava no tempo... Voltava à época em que as mulheres eram feridas de morte por um tribunal dito religioso, acusadas de feitiçaria. Sara Winter, a feiticeira! Sara Winter, a bruxa malvada. "Burnnn... Burrnnn witch! Burrnnnnn..." Era o que elas gritavam a plenos pulmões em uma versão pós-moderna, academicizada, com repetições incontáveis de "*token, token, token...*"

Não quero com meu relato assumir o papel de vítima. Não! Jamais estive passiva. Eu tentei me explicar de várias formas, pedi perdão pela inconveniência do meu comentário, gritei aos sete

ventos que eu nunca havia ouvido este termo “token”.

Foi em vão. Ali estavam as engrenagens do feminismo rolando... Quando se entra para o movimento você precisa decorar cada termo e caso você falhe em sua lição de casa e comente qualquer coisa que dê margem para várias interpretações... Pode se preparar! Você vai ser perseguida e linchada no espectro virtual.

Dá para acreditar? Para lutar pelas mulheres, para aderir a tal “sororidade” temos que nos submeter a um código moral de conduta. Ler os livros daquelas que mandam no movimento, mudar o jeito de se vestir, mudar até mesmo sua preferência sexual e esforçar-se sempre e a todo custo para ser alguém minimamente útil ao movimento com características supostamente acadêmicas e cada vez mais longe da realidade, das mulheres comuns. Comuns como eu: pobres, sem nível superior, abusadas em sua dignidade de mulher desde jovens, trabalhadoras, mães, sensíveis, vaidosas...

Que movimento é esse que vê em mulheres como eu uma ameaça? Uma fraude? Um perigo? Eu acuso as feministas de serem meninas mesquinhas e burguesas: a maioria tem acesso a universidade, onde ocorrem a maioria dos eventos e debates que deveriam ser acessíveis a todas as mulheres... Ou não deveriam? Nem sei mais. Nem sei ao certo o quanto desses debates não passem de lavagem cerebral.

Apagamento, capacitismo, etarismo, classismo, elitismo, cisgênero, cissexismo, especismo, intersexualidade, interseccionalidade, feminicídio, transfobia, patriarcado, empoderamento, sororidade, aborto financeiro, monossexismo, reformismo, sexodiverso, Trans*, AMAB/AFAB, nb, apropriação cultural, *token*, *mansplanning*, *slutshaming*, *gaslighting*, *friendzone*, *bropropriating*, *manterrupting*, *genderfluid*, *revengeporn*.

Ser feminista é repetir termos incompreensíveis à maioria das mulheres e esperar ser culpada e punida quando se desviar da conduta esperada.

Esses termos citados acima são só alguns dos mais usados no feminismo atualmente. Quem conhece todos eles? Eu respondo: acadêmicos ou pessoas sustentadas por papai e mamãe, uma vez que quem não trabalha tem tempo suficiente de ficar no computador pesquisando o significado desses termos! O que definitivamente não era meu caso. Eu dividia meu tempo entre aulas,

estágio, academia e palestras gratuitas em escolas públicas e em empresas.

Se você não for uma dessas pessoas que sabe absolutamente tudo sobre os dogmas feministas, não tente desabafar sobre um abuso sexual, por exemplo, em grupos feministas! Do contrário, prepare-se: você será atormentada até ter vontade de tirar a própria vida.

E isso, meus caros, foi o que aconteceu comigo.

Naquele dia, depois de todo linchamento moral, comecei a chorar, a gritar sem me dar conta que estava no apartamento de outra pessoa. Peach, minha amiga anti-feminista percebeu que algo estava errado e veio ao meu amparo. Era um sofrimento quase que indescritível. Eu não entendia porque tantas pessoas estavam me atacando, me ridicularizando. Fizeram montagens com minhas fotos e até páginas no Facebook com o único objetivo de me humilhar.

Eu já havia pedido perdão. Não desculpas, mas perdão.

Nunca vou esquecer de uma mulher que, no principal grupo feminista do Brasil, disse para mim tal qual um estuprador - enquanto eu tentava me explicar mais uma vez - "para de chorar e abre a boca, senão aguenta".

Era insuportável, eu já estava há horas digitando freneticamente no celular e cada vez mais os ataques vinham como socos, chutes e pontapés no meu corpo. Passadas mais de 12 horas naquela situação, eu berrava como uma criança, um choro sentido com uma enorme ineficiência em tentar abafá-lo.

Pensei que a única forma de acabar com todo o tormento era acabar literalmente com tudo. Um filme se passou pela minha cabeça... Lembrei de tantas coisas, tantos sonhos, tantas intenções de ajudar as mulheres a se libertar de toda opressão, submissão e violência. Lembrei de como foi difícil deixar meu emprego para ir até outro país e ser preparada para ser uma feminista destemida na luta contra o patriarcado. Lembrei de tantas noites sem dormir direito, das dificuldades, humilhações, agressões em nome de uma causa que agora estava ali toda voltada contra a mim, cuspidome, torturando-me em um verdadeiro "auto de fé", sobre os troncos umedecidos de discursos inflamados de ódio.

Eu não suportava mais nem um minuto naquela situação!

Tudo o que eu queria era acabar de vez com aquilo. Pensava na escada de incêndio que levava ao topo do prédio com uma estranha fixação quando, pela segunda vez, Peach foi o anjo da minha vida. Não sei se ela percebeu meu desespero, mas me colocou em seu colo e me fez carinho. Me disse palavras que eu há muito queria ouvir, ela me confortava como uma mãe faz com um filho.

A mão dela ao limpar minhas lágrimas me fez perceber que eu gostaria de continuar viva para poder sentir que sou amada, assim como ela estava fazendo. Ela cuidou de mim! Fez uma comida vegetariana com um sabor impecável, era possível sentir todo seu amor e carinho ali. Eu precisava resistir.

Depois de algumas semanas, graças a Deus, pouco a pouco as pessoas foram esquecendo minha gafe. Até hoje não entendo porque simplesmente elas não puderam apontar meu erro, me corrigir e seguir a vida.

Eu poderia ter perdido a minha vida! E nem sou a primeira a pensar em suicídio no meio feminista por conta de tanto linchamento moral... Ter minha vida salva por uma mulher contrária ao feminismo não é nem de longe a maior ironia em tudo que passei. A maior ironia é esta: eu sobrevivi para contar e estou só começando.
